

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ISABELA MARIA WERNECK DE FREITAS

**TRANSGÊNEROS NA TELEVISÃO BRASILEIRA: ESTUDO DE
CASO DA SÉRIE DE REPORTAGENS “QUEM SOU EU?” DO
FANTÁSTICO**

VOLTA REDONDA

2017

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**TRANSGÊNEROS NA TELEVISÃO BRASILEIRA: ESTUDO DE
CASO DA SÉRIE DE REPORTAGENS “QUEM SOU EU?” DO
FANTÁSTICO**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do UniFOA como requisito a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aluna:

Isabela Maria Werneck de Freitas

Orientador:

Prof. Dr. Rodrigo NuñezViégas

VOLTA REDONDA

2017



Fundação Oswaldo Aranha



FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Transgêneros na televisão brasileira: Estudo de caso da série de reportagens "Quem Sou Eu?" do Fantástico elaborado por: Isabela Maria Werneck de Freitas, apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovada em 06 de março de 2017.

Banca Avaliadora:

Professor Orientador
Professor Doutor Rodrigo Nuñez Viégas

Professor Avaliador
Professor Mestre Douglas Baltazar Gonçalves

Professor Avaliador
Professora Mestre Angélica Aparecida Silva Arieira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Magaly Gomes Werneck, pelo amor incondicional, por estar comigo em todos os momentos, na minha memória e coração. E à dona Deolinda da Silva Ramos pelos ensinamentos de vida e por ter me oferecido a oportunidade de vivenciar um amor e amizade diferente de tudo que já vivi. Minha gratidão e amor são eternos a vocês, e vão muito além das barreiras existentes entre essa e outras vidas. .

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Santa Rita de Cássia, pela vida, pela força, por me guiarem, pela minha fé. Aos meus pais por fazerem de mim quem sou hoje. À minha avó Maria Gomes, por ser o grande amor da minha vida. A todos os familiares e amigos pelo amor e carinho. Ao meu irmão João Matheus pelo amor incondicional. À prima Livia pela ajuda fundamental desde o início da minha vida acadêmica até a conclusão dessa graduação. Aos professores que me ajudaram no decorrer dessa graduação, em especial à professora Salete Leone e ao professor Afrânio Moutinho pelas ajudas neste trabalho. Ao meu orientador professor Rodrigo Nuñez Viégas por ter aceitado encarar esse projeto comigo e por toda ajuda e paciência ao realiza-lo. À amiga Flávia Esteves pela ajuda na correção deste trabalho. À tia Regina Amarante por ser minha âncora. Às amigas Tayná Cabral, Tamires Veríssimo e Luíza Alves por terem me apoiado sempre no decorrer dessa monografia. Todos aqui citados fizeram com que eu conseguisse chegar ao ponto em que cheguei, minha gratidão eterna a todos.

“Talvez, se meu estilo não fosse verdadeiramente minha realidade interior, eu teria voltado atrás. Mas sabia que nunca iria recuar. Eu nunca quis agredir ninguém. O que eu quero é brincar, me mostrar, me comunicar.” (Elke Maravilha)

RESUMO

Este estudo se destina a analisar a série de reportagens “Quem Sou Eu?”, exibida no Fantástico no primeiro semestre de 2017, que trata do tema transgêneros. Busca-se trazer para o debate o conjunto de explicações, crenças e ideias que foram desenvolvidos sobre o tema (representações sociais), analisando a referida série em sua composição como reportagem. Possui como objetivos específicos identificar e analisar o processo de construção da série de reportagens objeto de estudo, bem como evidenciar e perceber possíveis estereótipos criados. Sendo assim, busca responder duas problemáticas, sendo elas: como o tema foi abordado na série mediante o uso do gênero jornalístico de reportagem? E se terá o programa colaborado para a criação de uma estereotipia desses indivíduos transgêneros? Acredita-se, como hipótese, que a série de reportagens analisada busca informar o grande público sobre o tema de maneira didática, utilizando representações sociais, baseando-se na história de Alice no País das Maravilhas, obra infantil amplamente divulgada. Trata-se de um estudo bibliográfico e analítico acerca de um tema que ainda não possui grande literatura específica e, com seu desenvolvimento, busca ampliá-la. Mediante o estudo, pode-se afirmar que o programa utilizou de uma estereotipia com o fim de debater o assunto, uma vez que foram abordados casos isolados de transgêneros, ou seja, utilizaram-se de elementos menores com a finalidade de conceber um elemento maior, sendo esse último a forma com que a série tentou representar todos os transgêneros. Com base nos conceitos de Representação Social abordados pode-se dizer que o uso do clássico “Alice no País das Maravilhas” explica os conflitos vividos pelos transgêneros. O uso da fábula também serviu como ferramenta pedagógica no programa.

Palavras Chave: Reportagem; Transgêneros; Representações Sociais.

ABSTRACT

The present work objective is to study the report series “Quem Sou Eu?”, displayed in *Fantástico* television show in the first semester of 2017, that abords the theme of the transgenders. This study look for bring to the debate the explanations, creeds/beliefs and ideas that was developed about the presente topic (social representation), analysing the aforementioned serie composition as report. Objectifying analysis and identify the construction process of the series that is the object of the present work, as well look for perceive and evidencing possibles created. Therefore, we look for to answer the following two questions, being then, how the theme was approached in the series considering the usage of the report journalistic gender? And if the program has collaborated for the creation of a stereotype transgender individual? As hipoteses, the report analysis series has as objective inform the big audience about the theme, using social representations, basing in the well known child story Alice in Wonderland. This Works is a bibliography and analytic study about a topic that yet do not possess much of specific literature, and with it development, look for amplify it. Through the work, is possible to affirm that the show has used a stereotype whit objective of debate the theme, once that was aborded isolated cases of transgenders, that is, was employed minor elements whit the finality of conceive a larger elemento, being the former the shape, the form, the model that was used in the serie to represent all the transgenders. Based in the concepts of social representation addressed is possible to say that the classic use of “Alice in Wonderland” explain the conflicts experimented by the transgenders. The fable employment has served, as well, as pedagogical tool in the show.

Key Words: Report; Transgenders; Social Representation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 AS DIMENSÕES JORNALÍSTICAS DO GÊNERO REPORTAGEM.....	14
2.1 A reportagem.....	14
2.2 A reportagem televisiva.....	16
2.3 A reportagem no programa fantástico.....	20
3 TRANSGÊNEROS.....	22
3.1 Classificações de gênero.....	22
3.2 Violência contra transgêneros.....	25
3.3 Saúde pública transgênero.....	26
3.4 Direitos transgênero.....	29
4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ANÁLISE CRÍTICA.....	31
4.1 Conceito de representações sociais.....	31
4.2 “Quem Sou Eu?” análise da reportagem.....	34
4.3 “Quem Sou Eu?” análise das Representações Sociais.....	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
6 REFERÊNCIAS.....	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Logo do programa: Alice caindo no País das Maravilhas.....	41
Figura 2: Alice vai atrás do coelho branco que simboliza o tempo.....	42
Figura 3: Alice cercada de portas.....	42
Figura 4: Alice em um mar de lágrimas.....	43
Figura 5: Flores perseguem Alice por ser diferente.....	44
Figura 6: Paralelo de Alice com os perigos da automedicação.....	44
Figura 7: Alice no chá com o Chapeleiro Maluco.....	45
Figura 8: Flores Expulsam Alice.....	46
Figura 9: Rosas sendo pintadas de vermelho.....	46
Figura 10: O julgamento de Alice.....	47
Figura 11: Alice acorda.....	48
Figura 12: A foto no galho.....	48

GLOSSÁRIO

Cisgênero: Indivíduo que tem identidade de gênero compatível ao sexo biológico.

Crossdresses: Indivíduos que se produzem com roupas características do sexo oposto mas não costumam passar por processos médios de readequação corporal.

Drag Queen: Homem que se utiliza do vestuário feminino para apresentação artística.

Drag King: Mulher que se produz como homem para apresentação artística.

Intersexo: Indivíduo que pode apresentar características biológicas de ambos os sexos.

Transexual: Indivíduo que não se identifica em gênero com o sexo biológico.

Transgênero: Indivíduo que transita entre os gêneros.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 1973, o programa Fantástico – O Show da Vida estreou na Rede Globo. Caracterizado como uma revista eletrônica de variedades, o programa é até hoje exemplo no que diz respeito a programas jornalísticos de variedades e se constitui como o objeto de estudo desse trabalho de conclusão de curso, com a série de reportagens “Quem Sou Eu?”.

A reportagem e a reportagem televisiva são exploradas neste trabalho, que começa por conceituar cada uma delas, desvelando quais os atributos e cuidados que o repórter tem que buscar na confecção da matéria e, assim, minuciar a forma com que o quadro foi constituído com a finalidade de retratar a transexualidade.

Na série em questão, são apresentadas as vidas de alguns indivíduos transexuais brasileiros, mostrando suas trajetórias desde crianças até adultos. São abordados temas ligados à identidade de gênero, desde os tratamentos hormonais até a cirurgia de redesignação de gênero. A série exhibe o tema de maneira não imediatista, através da confecção de uma série de reportagens que detalha e contextualiza um assunto ainda polêmico e pouco abordado no nosso país. A série também trabalha com um paralelo traçado entre a história dos transexuais abordados e o clássico *Alice no País das Maravilhas*.

No que tange à questão transgênero, esse estudo busca evidenciar o que é diversidade de gênero, bem como conceituar as classes de transgêneros existentes, tais como transexual, travesti, *crossdresser*, entre outros. Também são exploradas as questões referentes à saúde transgênero no país, bem como seus direitos e a violência à qual estão sujeitos no Brasil.

A teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Serge Moscovici, a partir dos anos 1960, afirma que um conjunto de conceitos, proposições e explicações são criados na vida cotidiana no decurso da comunicação interindividual. Estes últimos seriam o equivalente aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais e também poderiam ser tidos na visão contemporânea como um senso comum.

Sendo assim, o presente estudo busca responder duas problemáticas, sendo elas, como o programa foi construído mediante o uso do gênero jornalístico de reportagem; e se terá a série colaborado para a criação de uma estereotipia desses indivíduos transgêneros.

Mediante o discutido, é trabalhada a hipótese de que a série de reportagens analisada busca informar o grande público sobre transexualidade de maneira didática, utilizando representações sociais e se baseando analogamente às representações trazidas pela história de Alice no País das Maravilhas, obra infantil amplamente divulgada e conhecida pelo grande público.

O presente trabalho se destina a avaliar a série de reportagens “Quem Sou Eu?”, exibida no Fantástico no primeiro semestre de 2017, que trata do tema dos transgêneros. Buscar-se trazer para o debate o conjunto de explicações, crenças e ideias que foram desenvolvidos sobre o tema (representações sociais), analisando a referida série em sua composição como gênero jornalístico de reportagem. Tendo como objetivos específicos identificar e analisar o processo de construção da série de reportagens objeto de estudo, bem como evidenciar e analisar possíveis estereótipos criados para esses indivíduos transgêneros.

Trata-se de um estudo bibliográfico e analítico acerca de um tema que ainda não possui grande literatura específica e, com seu desenvolvimento, busca ampliá-la. Além disso, no que tange especificamente ao jornalismo, o trabalho se justifica uma vez que pretende contribuir para acrescentar aos estudos sobre o processo de construção da reportagem jornalística uma perspectiva de abordagem de um tema socialmente polêmico e de discussão restrita. Visando compreender as transformações sociais ocorridas nos últimos anos na nossa sociedade, em geral no que se refere às novas identidades de gênero e refletir e ampliar o conhecimento sobre os grupos de transgêneros, procurando identificar e analisar como os mesmos são reconhecidos pela nossa sociedade e como são abordados na série de reportagens analisada.

2 AS DIMENSÕES JORNALÍSTICAS DO GÊNERO REPORTAGEM

Neste capítulo, busca-se detalhar um pouco do que é reportagem, abordando sua construção, bem como linguagem e métodos utilizados, empregando autores que trataram do assunto de alguma maneira em suas obras. Em um segundo momento, o assunto tratado é a reportagem televisiva, evidenciando quais características a distinguem dos demais tipos de reportagem. Na sequência é apresentado o programa Fantástico – O Show da Vida, demonstrando a forma como as reportagens são tratadas e apresentadas pelo objeto em questão.

2.1 A Reportagem

No dicionário Aurélio, a palavra reportagem é descrita da seguinte maneira: “1 - Atividade jornalística que compreende a cobertura de um acontecimento, a análise e a preparação do texto final a ser entregue à redação. 2 - O texto publicado resultante de reportagem”. Em síntese, podemos definir como reportagem um gênero jornalístico que se utiliza de fatos e entrevistas para apresentar ao público mais sobre determinado assunto.

Segundo Degl'iesposti (2009), uma vez que assume características complexas, a reportagem requer uma compreensão multiangular, flertando ora com o jornalismo literário, ora com a antropologia. Por ser um gênero que exige grandes investimentos por parte do repórter e das empresas, a reportagem, apesar desse ciclo positivo, vem se tornando rara. Para se escrever uma reportagem de profundidade, que revele ângulos diferenciados da realidade, exige-se grande senso de observação. A boa reportagem não precisa necessariamente ser longa, mas mostrar um lado diferente, de resgate dos elementos subjacentes à informação principal. Uma reportagem de qualidade deve tecer a trama dos acontecimentos utilizando um relato humanizado

Guirado (2004) afirma que são chamadas reportagens as matérias de maior tamanho que procuram contar uma história desde o seu início até o seu final, baseando-se em uma investigação sobre o fato em questão. Ela também apresenta a etimologia da palavra, que significa regressar, trazer uma resposta, reforçando assim a ideia de que tal gênero jornalístico busca sempre oferecer um desfecho dos

fatos ao público, mostrar seu começo, seu desenrolar e seu fim. Nas palavras do autor:

Reportagem é o nome que se dá a matérias jornalísticas mais longas, em geral ocupando espaço de página inteira, ou, eventualmente meia página ou um terço de página. Seu conteúdo (um fato do dia que tenha causado grande impacto ou um evento ligado a problemas políticos, econômicos, ou ainda relacionado à editoria de Cultura, Política, Saúde, Educação, etc.) há que ser investigado, pesquisado até o desenlace da questão ou até o seu esgotamento. É da natureza da reportagem revelar a origem e o desenrolar da questão que ela retrata. (GUIRADO, 2004, p.22)

De acordo com LAGE (2006), o estilo da reportagem é menos rígido do que o da notícia e pode narrar uma história de forma romantizada. O autor sustenta que a reportagem é sempre interpretada de alguma forma para ser transmitida para o seu público, mas deve obedecer à regra de conceder à sua audiência a oportunidade de avaliar e julgar os fatos por si mesmos. Como gênero jornalístico, pode ser caracterizada com base em três linhas predominantes: a presença da notícia que situa a reportagem nos limites do jornalismo interpretativo; a narração da realidade, não sendo admissível a ficção nem a dramatização; e a originalidade no tratamento e a apresentação dos fatos reais.

Lage (1997, p 31 *apud* Ferreira, 2010) acrescenta que:

Reportagens de televisão são documentários sobre a vida de um personagem, um acontecimento histórico, uma realização artística, costumes, animais, exercícios de uma profissão etc. Podem contar uma história, com a tradição narrativa do cinema-ficção; defender uma tese; expor assuntos; retornar no tempo de imagens atuais para precedentes no passado; opor temas conflitivos. São construídas com a perspectiva centrada em um personagem ou objeto (...); com a sequência narrativa delimitada em nascentes e pontos; como reportagens de ação, em que a equipe interfere no curso de uma atividade para desvelar seu mecanismo (LAGE, 1997, p 31 *apud* FERREIRA, 2010).

Dimenstein e Kotscho (1990, p. 10 *apud* Ferreira, 2010) definem reportagem de duas maneiras distintas:

Reportagem é uma coisa paradoxal, por se tratar, ao mesmo tempo, da mais fácil e mais difícil maneira de viver a vida. Fácil porque, no fundo, reportagem é apenas a técnica de contar boas histórias. Todos sabem contar histórias. Se bem alfabetizado, pode-se até contá-las em português correto e pronto: está-se fazendo uma reportagem, até sem o saber. Difícil porque o repórter persegue esse ser chamado verdade, quase sempre intangível ou inexistente ou tão repleto de rostos diferentes que se corre permanentemente o risco de não conseguir captá-los todos e passá-los todos para o leitor/ouvinte/telespectador (DIMENSTEIN *et al.* (1990, p. 10 *apud* FERREIRA, 2010).

Segundo Sodré e Ferrari (1986 *apud* Degl'iesposti, 2009), podem-se classificar os elementos da reportagem da seguinte maneira: predominância da forma narrativa; humanização do relato; texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Embora essa técnica possa variar e se mostrar com maior ou menor evidência, dependendo do texto, a história terá que estar sempre presente na reportagem; caso contrário, não será reportagem (1986, p.15).

Na reportagem, o repórter deve, entre outras coisas, pensar sobre qual a melhor maneira de apresentar a matéria ao seu público, de forma que possa ser entendida claramente pela audiência, tentando ser simples e mostrando de forma clara, através do enfoque utilizado, quais são os elementos principais da matéria.

Os veículos têm investido cada vez mais em simplificar os fatos, em levar ao leitor elementos que possam facilitar a compreensão e a leitura. Dessa forma, pensar a "arte" é uma função também do repórter. Enquanto ele apura sua matéria, já começa a imaginar o que pode ser um quadro histórico, uma linha do tempo etc. (FLORESTA, BRASLAUSKAS, 2009, p.62)

Floresta e Braslauskas (2009) citam o caso das reportagens especiais, que são caracterizadas por previamente já possuírem a responsabilidade de um tempo de duração mais longo. Esse gênero, que trabalha com pautas consideradas "frias", busca levantar temas que possam ser transformados em grandes reportagens. Assim, quando o repórter levanta um tema, o editor ou pauteiro entende que aquela história tem algum fundamento. É a partir dessas deliberações que os jornais e as revistas fazem uma programação de reportagens especiais.

As reportagens especiais assemelham-se em alguns pontos com o documentário¹, uma vez que, assim como os mesmos, possuem uma abordagem aprofundada sobre o tema em questão, um enfoque romantizado, bem como se utiliza de entrevistas, *take*se narrações que buscam transformar a realidade em vídeo. Como é citado no livro,

Ela é uma reportagem maior? Um documentário? Não. Ela ganha, sim, segundos ou mesmo minutos a mais em relação às notícias do dia. E usa algumas ferramentas presentes nos documentários. Mas não é o tempo ou os meios que a definem. O que torna uma reportagem especial é o tratamento muito mais primoroso, tanto de conteúdo quanto plástico. Ela nos permite aprofundar assuntos de interesse público, que podem estar

¹ Filme montado com filmagens de acontecimentos reais. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/documentario/>> Acesso em 21/04/2017

retratados em uma única reportagem ou em uma série (DIAMANTE *et al*, 2010, p.15).

Segundo Ferreira (2010), a diferença da reportagem para os demais gêneros jornalísticos é a de não seguir o método da pirâmide invertida. A reportagem apresenta-se como uma narrativa que busca contar a história de forma a parecer mais interessante para o público. A reportagem deve conquistar seu público e sempre seguir a ordem de início, meio e fim.

Kotscho (2007) alega que é importante se pensar na forma como cada reportagem será feita para ser apresentada para o público. O repórter deve se colocar no lugar do leitor para a composição da matéria, ajudando-o não só a compreendê-la como também a ser impactado pela história transmitida, como evidencia no trecho,

A matéria vai descrevendo o que encontramos pela frente e, no final, um fato inesperado permitiu dar um toque mais pessoal no relato da viagem. O objetivo dessas matérias é fazer com que o leitor viaje junto, o repórter cumprindo sua função primeira: colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo (KOTSCHO, 2007, p.16).

Kostcho (2007) discute ainda sobre a importância de dar atenção a qualquer pauta, porque toda pauta pode ser tornar relevante caso seja capaz de mostrar algo novo, ou ainda mal explorado. E comenta também sobre a forma com que o repórter pode transformar a pauta em um assunto interessante mesmo que já seja batido.

O autor destaca também a importância que o repórter deve dar a todas as suas reportagens. Ainda cita que o profissional deve procurar sempre a mesma essência no desempenhar de sua função, isso é, tanto em questões cotidianas e rotineiras, quanto nas maiores, o papel dele sempre é de informar, colhendo todas as informações possíveis até estar com a matéria pronta em sua mente, e não deixar de contar tudo como realmente se dá (KOSTCHO, 2007).

Outro aspecto importante destacado em sua obra é a de o repórter não parecer insensível ao decorrer da confecção da reportagem. Kostcho ressalta a importância, de, assim como o leitor, o profissional colocar suas emoções na matéria, uma vez que também possui sentimentos e pode traçar uma conexão maior do tema com o leitor ao expô-los na obra, como no fragmento a seguir:

Tristeza e alegria. Estes sentimentos se alternam nos trabalhos de cobertura, e não há como o repórter ficar insensível - nem deve. Afinal, ele é antes de mais nada um ser humano igual aos seus leitores, e precisa transmitir não só as informações, mas também as emoções dos acontecimentos que está cobrindo. Informação e emoção são as duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá que lutar sempre consigo mesmo para saber dosá-las na medida certa em cada matéria. (KOSTCHO, 2007, p.32).

Acerca do perfil que Kostcho (2007) configura como "filão mais rico das matérias chamadas humanas" (KOSTCHO, 2007, p.43), o autor comenta a importância de se entender a fundo os personagens de história, procurando durante todo o desenrolar da matéria, conhecer bem o assunto que está sendo abordado e as pessoas que estão envolvidas. E comenta a importância de se estar livre de preconceitos, podendo perceber qual a melhor forma de abordar o assunto em questão.

2.2 A Reportagem Televisiva

Roldão *et al* (2007) afirmam que a vídeo-reportagem procura detalhar as histórias que conta, dando maior atenção e se aprofundando no tema proposto, diferente no que ocorre com relação às reportagens que são exibidas diariamente nos programas televisivos. Também comentam que essas reportagens são pautas dadas nas reuniões, que abordam assuntos que os responsáveis pelo programa em questão consideram importantes para o entendimento do público. Citam também a característica das vídeo-reportagens de estarem ligadas a assuntos que sejam pauta na época, nas palavras dos autores,

[...] mesmo o vídeo-reportagem não estando diretamente relacionado ao factual, indiretamente sempre vai ter uma relação com algum assunto que esteja em pauta na mídia. Isso porque a linha editorial das emissoras de televisão segue uma lógica de que o interesse do telespectador será maior na medida em que os assuntos das grandes reportagens estejam - de alguma forma - ligados aos fatos que acontecem naquele período. (ROLDÃO *et al*, 2007, p. 117)

Emerim (2010) aponta que o estudo no que se refere à televisão no Brasil é recente, tendo apenas cerca de 30 anos que o veículo de comunicação é estudado. Segundo a autora, o telejornalismo teria ainda menos tempo de estudo, aproximadamente uma década de estudos constantes e intensos. O que acarreta em uma bibliografia baixa e escassa acerca do tema.

Emerim (2010) cita ainda que a importância da televisão se dá uma vez que essa trabalha com o uso de imagens, com velocidade de transmissão, o que permite uma maior troca de conteúdos noticiosos em tempo real,

É nesse contexto sócio-cultural midiático que a televisão ganha força e poder: ela transmite imagens. Imagens mostradas com velocidade de transmissão e qualidade de apresentação. Imagens que se configuram como a própria realidade, que permitem visualizar, simultaneamente, o que está acontecendo desde aqui ao lado como no outro lado do mundo. Uma visualidade que apaga as distâncias e as mediações: no final são nossos olhos que vêem. (EMERIM, 2010, p. 3)

Quanto maior for a necessidade de informação de um indivíduo, maior será o impacto dela. Sendo assim, a televisão tem a necessidade de conhecer bem seu público alvo, a fim de proporcionar uma comunicação de qualidade visando uma lógica mercadológica mais eficiente,

[...] informar é transmitir um saber a quem não o possui. Partindo desse pressuposto, poder-se-ia dizer que o teor da informação é tanto mais forte quanto maior for o grau de ignorância do seu público alvo. A televisão precisa saber, de antemão, quem são os destinatários de seus produtos, aliás, os produtos midiáticos em geral, são construídos para "atingir" determinado tipo de receptor. Para tanto, a televisão opera com a configuração de públicos-alvo, para que possa produzir uma mercadoria que, a princípio, tenha espaço e aceitação mercadológica. (Emerim, 2010, p.6)

Ferreira (2010) alega que a reportagem televisiva pode seguir dois modelos: o primeiro intitulado de *fact-story*, que trata da cobertura de grandes acontecimentos e que podem se aprofundar de forma independente em diversos fragmentos do fato principal; o segundo, a *action-story*, que é o modelo ao qual se encaixa o quadro "Quem Sou Eu?" objeto de estudo do presente trabalho. Sobre a *action-story* disserta,

[...] O relato é mais ou menos movimentado, o qual começa sempre pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes. O importante, nessas reportagens, é o desentoeirar dos acontecimentos de maneira enunciativa, próxima ao leitor, que fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme (FERREIRA, 2010, p.25)

Segundo o evidenciado pelo autor em sua obra, a reportagem também pode se dividir quanto ao tipo de assunto abordado, sendo considerada *factual*, que se refere a matérias quentes, que devem ser exploradas na época exata do acontecimento para não perder seu caráter informativo, ou *feature*, que ao contrário da primeira se refere a matérias frias, que não possuem "data de validade" e que são de interesse atemporal ao público, podendo ser exibidas em qualquer época. De

acordo com essas informações, o quadro analisado no decorrer desse estudo pode ser considerado como uma série de reportagens no estilo *feature*. (FERREIRA, 2010)

2.3 A Reportagem no programa Fantástico

Segundo Brittos e Bolaño (2005), o jornalismo está presente na grade televisiva da Rede Globo desde sua estreia, em 1966, quando foi exibido um jornal de meia hora de duração denominado Tele Globo, que era transmitido duas vezes ao dia. Após a estreia surgiu o Ultranotícias, e mais a frente, no ano de 1969, foi transmitido pela primeira vez o Jornal Nacional, conhecido até hoje como carro chefe da emissora, no que diz respeito a produtos jornalísticos. Em 1973, foram transmitidos pela primeira vez o Globo Repórter e o Fantástico.

Os dados do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), disponíveis no site² do instituto, apontam que o Fantástico registra uma média de 23 pontos no Brasil todo o domingo a noite, cada ponto representa um total de 245.702 lares sintonizados no canal. Dessa maneira, pode-se dizer que o programa se estabelece como o maior no que diz respeito à audiência no horário nobre brasileiro aos domingos.

O Fantástico - O show da vida se apresenta com o formato de revista eletrônica, ou seja, um programa que busca informar e entreter ao mesmo tempo. O programa busca desde sua estreia mostrar quadros, matérias e reportagens que tragam em seu conteúdo algo que se diferencie dos programas que apresentam conteúdos jornalísticos.

O material apresentado no Fantástico costuma ser diferenciado, entre outros fatores, por possuir conteúdos que possam configurar um espetáculo, como o próprio nome do programa sugere. Assim, são utilizados na confecção do programa conteúdos não só jornalísticos como também de entretenimento (ROCHA; AUCAR, 2011).

[...] entretenimento é uma função inerente a qualquer produção televisiva, estando diretamente relacionado à capacidade de despertar a vontade da audiência para assistir os programas transmitidos. Informar e entreter,

² Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/Paginas/oquevoceprocura.aspx>> acesso em 20/05/2017

portanto, não são funções opostas, ao contrário disso, são complementares. No gênero aqui tratado, as duas funções estabelecem uma relação específica que vai determinar, justamente, a configuração das revistas eletrônicas. (GOMES, 2006, p. 26)

Através da observação da revista eletrônica, podemos concluir que até mesmo os conteúdos jornalísticos do programa muitas vezes se aproximam do entretenimento, uma vez que se utilizam de uma forma semelhante ao do documentário para a apresentação de reportagens e matérias.

3 TRANSGÊNEROS

Este capítulo busca evidenciar as diversas classificações de gênero existentes no nosso país, bem como conceituar cada uma delas, tendo em vista o tema abordado no estudo. Também se pretende explicar a situação das pessoas transgêneros no Brasil, visto que o país é líder de violência e assassinatos desses indivíduos no mundo, a fim de proporcionar a melhor compreensão acerca da situação em que as pessoas pertencentes a essas classificações vivem no país, bem como os preconceitos e riscos enfrentados por eles em sua vida cotidiana. O capítulo aborda ainda questões referentes aos direitos públicos dos transgêneros no país. Busca-se elucidar temas como o acesso desses indivíduos ao Sistema Único de Saúde, bem como abordar a lei que assegura os direitos dos transexuais e travestis no que se refere ao uso do nome social em documentos oficiais e nos registros dos sistemas de informação, cadastros, programas, serviços, fichas, formulários, prontuários e congêneres dos órgãos e das entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

3.1 Classificações de gênero

De acordo com Argentieri (2009), desde os níveis primitivos do seu desenvolvimento, o indivíduo já é capaz de se sentir pertencente a um gênero, e é justamente esse conceito que se aplica como identidade de gênero:

O conceito de identidade de gênero refere-se aos estágios arcaicos da vida, quando o senso de pertencimento ao sexo masculino ou feminino começa a se organizar na esfera das relações com os pais, nos níveis pré-verbais e sensoriais. O fato de o desenvolvimento fazer parte do tema mais amplo de níveis muito primitivos de desenvolvimento representa, como sabemos, a ampliação mais significativa de horizontes desde Freud. (ARGENTIERI; 2009, p.175)

Segundo a definição dada pela *Cartilha da Diversidade e Cidadania LGBT* (2014), distribuída pelo governo de São Paulo, pode-se definir como sexo biológico o conjunto de informações cromossômicas, órgãos genitais, capacidades reprodutivas e características fisiológicas secundárias que distinguem “machos” e “fêmeas”. Em

suma, um indivíduo transgênero, ou transexual, é aquele que não se identifica com todas as questões hormonais e fisiológicas. A cartilha comenta ainda sobre os chamados Intersexos, indivíduos que podem apresentar características biológicas de ambos os sexos.

A cartilha define o que é papel de gênero como o comportamento que é esperado pela sociedade tanto dos homens quanto das mulheres, ou seja, o que é considerado "comportamento masculino" ou "comportamento feminino", exemplificando que, na realidade, esses papéis se referem a construções sociais, como se evidencia no fragmento.

[...] O fato de uma pessoa nascer com um pênis não significa que ela irá automaticamente gostar de futebol e "falar grosso". Da mesma forma, nascer com uma vagina não faz com que a pessoa seja emotiva e vaidosa. Assim, o que é ser homem e o que é ser mulher são construções sociais e não comportamentos "naturais" decorrentes das diferenças entre sexos biológicos. Todos nós, independente do sexo biológico, combinamos características e comportamentos considerados masculinos e femininos, cada um/a de uma maneira diferente! (DIVERSIDADE SEXUAL E A CIDADANIA LGBT, 2014, p. 12)

Acerca da diversidade de gênero, se conceitua como a forma com que cada indivíduo se percebe, sendo do gênero feminino, masculino, ou alguma combinação de ambos, que não necessariamente seja compatível ao sexo biológico em questão. "A identidade traduz o entendimento que a pessoa tem sobre ela mesma, como ela se descreve e deseja ser reconhecida" (DIVERSIDADE SEXUAL E A CIDADANIA LGBT, 2014, p. 13).

Dentre as definições de gênero existentes as mais difundidas são: transexual, travestis, *crossdresses*, *drag queen*, *drag king*, transgêneros e cisgênero, que serão conceituadas no decorrer das próximas páginas do capítulo, dando ênfase aos transexuais, objeto de estudo dessa pesquisa.

A palavra transgênero se conceitua como a "terminologia normalmente utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros, englobando travestis, transexuais, *crossdressers*, *drag queens*, *kings* e outros/as" (DIVERSIDADE SEXUAL E A CIDADANIA LGBT, 2014, p. 15), isto é, qualquer pessoa que não se identifique totalmente com o gênero ao qual nasceu pertencendo biologicamente, e que se utiliza de métodos como terapias hormonais, cirurgias de adequação, ou até mesmo uso de vestimenta característica do sexo biológico

oposto, como forma de se identificar como pertencente àquele gênero. Por outro lado, há os chamados cisgêneros, ou seja, pessoas que tem a identidade de gênero compatível ao seu sexo biológico.

O termo transexual se aplica aos indivíduos que não se identificam social e psicologicamente com o sexo biológico a qual pertencem, podendo ou não passar por procedimentos hormonais, estéticos e cirúrgicos, tais como implantes de silicone, retirada das mamas ou mesmo a cirurgia de redesignação sexual para a adequação de seus corpos. Já as travestis são indivíduos que nascem pertencentes ao sexo masculino, porém se identificam como mulheres. Acerca dos transexuais, a cartilha conceitua,

[...] pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo biológico. Homens e mulheres transexuais podem manifestar a necessidade de realizar modificações corporais por meio de terapias hormonais e intervenções médico-cirúrgicas, com o intuito de adequar seus atributos físicos (inclusive genitais - cirurgia de redesignação sexual) à sua identidade de gênero. Entretanto, nem todas as pessoas transexuais manifestam esse tipo de necessidade (DIVERSIDADE SEXUAL E A CIDADANIA LGBT, 2014, p.13)

Os *crossdresses* são indivíduos que se produzem com roupas e acessórios característicos do sexo oposto, mas não costumam passar por processos médicos para readequação corporal e não se identificam completamente como pertencente ao sexo oposto ao seu biológico, diferente dos transexuais e travestis.

Drag Queen é a denominação dada ao "homem que se veste com roupas femininas extravagantes para a apresentação em shows e eventos, de forma artística, caricata, performática e/ou profissional" (DIVERSIDADE SEXUAL E A CIDADANIA LGBT, 2014, p. 15), e os chamados *Drag Kings* a mulheres que se produzem como homens para os mesmos fins.

Assim podemos diferenciar orientação sexual de identidade de gênero, partindo do pressuposto de que o primeiro é referente à atração sexual de um indivíduo, esse se relacionando com pessoas do mesmo gênero, do gênero oposto ou de ambos os gêneros. Por outro lado o termo identidade de gênero se refere à forma com que o indivíduo vê a si próprio. Acerca do assunto, Cerqueira-Santos *et al* (2010) comentam sobre orientações sexuais,

[...] seis categorias de orientações sexuais são amplamente discutidas na

literatura da área, a saber: Assexual, seria a pessoa que não sente nenhuma atração sexual; Bissexual, que sente atração por ambos os sexos; Heterossexual, que sente atração pelo sexo oposto; Homossexual, o que se sente atraído sexual e emocionalmente por uma pessoa do mesmo sexo; Pansexual ou Omnissexual, que sentem atração por diversos sexos/gêneros, quando se aceita a existência de mais de dois gêneros ou alguém que tem uma orientação mais abrangente (incluindo por exemplo, atração específica por transgêneros); e, finalmente, Pomossexual, que não aceita a classificação estática em uma das categorias anteriores. Já o termo identidade de gênero se relaciona com o gênero (masculino ou feminino) com o qual um indivíduo se identifica (Csordas, 1988). Atualmente no Brasil, as pessoas que possuem uma orientação sexual não-heterossexual, são identificadas através da sigla: GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros). (Cerqueira-Santos et al, 2010, p. 236)

Sendo assim, diversidade de gênero e orientação sexual se distinguem, a primeira se encarrega de uma expressão social não necessariamente presente na segunda, porém há ainda uma série de estereótipos carregados por esses indivíduos.

3.2 Violência contra transgêneros

Na atualidade, com as diversas classificações de gênero que estão sendo difundidas no Brasil e no exterior, bem como com a procura de uma parcela notável da população por uma política social que focalize esforços no cumprimento dos direitos humanos, era de se esperar uma queda nos casos de homofobia (preconceito contra homossexuais) e transfobia (preconceito contra transexuais) no país. Contudo, segundo dados divulgados pela mídia³, o Brasil é classificado como o país que mais mata transexuais e travestis no mundo. Sobre o conceito de violência de gênero, Carrara e Vianna comentam:

A violência de gênero se caracteriza por atingir grupos vulneráveis na sociedade contemporânea, tais como mulheres, travestis, gays, lésbicas, transexuais e transgêneros, o grupo que se constitui sob a denominação de transgêneros tem ficado de lado pelo preconceito, colocada à margem, tanto no campo da ciência, como pela própria sociedade. Os transgêneros são um grupo de total vulnerabilidade, no caso das travestis, a desestabilização provocada por sua performance de gênero, associada a um conjunto de estereótipos negativos sobre a homossexualidade em geral, torna as travestis as vítimas preferidas da violência. (CARRARA; VIANNA, 2006 apud PAGLIARI; PIBER, 2015)

Os indivíduos transgêneros e travestis ainda são vítimas de uma série de estereótipos, resultados da marginalização que sofrem na sociedade, que as caracteriza de forma preconceituosa, e não condizente com a realidade, o que

³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html>> acesso em 20/08/2017

acaba conduzindo essas pessoas para situações ainda mais perigosas, como o envolvimento com a prostituição, conforme é mostrado no programa analisado. Segundo Silva e Barboza (2005 *apud* PAGLIARI E PIBER, 2016, p. 181) “alguns dos estereótipos que as travestis carregam são de que elas são truqueiras, gileteiras, violentas, perigosas”. Os autores completam dizendo que a situação da travesti “implica em estar socialmente inserido em uma condição de alta vulnerabilidade, pois a sociedade só lhe oferece a possibilidade do não lugar”.

Segundo dados disponibilizados pelo portal R7, em janeiro de 2017⁴, o Brasil foi considerado o país que tem maior índice de violência e assassinato de transexuais no mundo, com 123 mortes conhecidas no período de um ano, entre os dias primeiro de outubro de 2015 a 30 de setembro de 2016, índice 42% maior que o do México, que ficou em segundo lugar no *ranking*, com 52 mortes no mesmo período analisado. Ao todo, no ano de 2016 foram 144 mortes de transexuais e travestis vítimas de preconceito no país.

A Rede Trans Brasil disponibilizou nesta segunda-feira (30) um dossiê traçando um raio-x das travestis, transexuais e transgêneros no país. Batizado de “A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans”, o relatório traz informações muito importantes sobre a transfobia e os altos índices de violência. De acordo com pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2013, a expectativa de vida desse grupo social não passa dos 35 anos, menos da metade da média nacional de 74,9 anos da população em geral (PORTAL R7, 2017)

Carrieri *et al.* (2014 *apud* PAGLIARI E PIBER, 2016) comentam que segundo grande parte dos clientes das travestis que trabalham na prostituição, elas não são consideradas humanas, o que aumenta os casos de violência física, psicológica e sexual contra as mesmas, visto que para eles “são apenas brinquedos e objetos sexuais nas mãos dos mesmos” (p. 184). Carrara e Vianna notaram, através de uma série de entrevistas que realizaram com travestis, que grande parte da violência contra essas é praticada uma vez que membros da nossa sociedade não reconhecem as pessoas transexuais, achando-as menos merecedoras que o restante da população.

3.3 Saúde pública transgênero

De acordo com Arán *et al* (2008), as cirurgias de redesignação sexual

⁴Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/brasil-lidera-assassinatos-de-pessoas-trans-no-mundo-30012017>> acesso em 20/08/2017

começaram a ser feitas em caráter experimental por hospitais públicos universitários, mediante a aprovação do CFM – Conselho Federal de Medicina, através da Resolução 1482/97. No ano de 2002, o conselho reformou a Resolução CFM já existente e aprovou a resolução 1652/2002, que passou a permitir que a cirurgia de neocolpovulvoplastia (cirurgia de redesignação da genitália masculina para a feminina) fosse feita de forma não experimental em quaisquer instituições de saúde pública ou privada do país, e manteve o caráter experimental da neofaloplastia (cirurgia de redesignação da genitália feminina para a masculina).

Ainda segundo Arán *et al* (2008), a implantação das cirurgias de transexualização no sistema de saúde foi bastante lenta e gradativa, além de ter sofrido muitas resistências institucionais, passando por problemas relacionados à construção e outros relacionados a como cita “éticos e jurídicos das mais diversas ordens”. Acerca da inclusão dos serviços no SUS, a autora acrescenta que existem variadas experiências assistenciais para os pacientes transexuais usuários do sistema e que são desenvolvidas práticas clínicas e cirúrgicas distintas.

Lionço (2008) afirma que em agosto de 2008, o Ministério da Saúde formalizou, através da Portaria GM nº 1.707, as diretrizes técnicas e éticas para a transição sexual pelo SUS, abrangendo todas as adaptações e tratamentos que devem ser feitos para que o paciente transexual consiga alcançar seus direitos sociais através dos processos de redesignação de gênero. Comenta que apesar de haver esses tratamentos, ainda podem ser considerados precários, visto a dificuldade de se priorizar um grupo de indivíduos em um sistema abrangente como o SUS:

[...] Uma iniciativa importante para a promoção do acesso universal ao sistema de saúde, por exemplo, foi a introdução, na Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde (BRASIL, 2006), do direito ao uso do nome social, seja nos serviços especializados já existentes que acolhem transexuais e travestis, seja em quaisquer outros serviços dispostos na rede de saúde pública. A regulamentação do Processo Transexualizador - formalizada pela Portaria da Secretaria de Atenção à Saúde nº 457, de 19 de agosto de 2008 (BRASIL, 2008b), permite afirmar que se trata de uma normatização que visa a resgatar os princípios da universalidade do acesso e integralidade na atenção, mas especificamente em relação às dimensões físicas e psicossociais implicadas no processo de transformação fenotípica e social característico à transexualidade, prioritariamente no contexto da atenção especializada” (LIONÇO, 2008, p.44).

De acordo com as informações do portal saúde do SUS⁵, o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde garante ao usuário atendimento durante todo o processo, passando por etapas que vão desde o uso do nome social através do cartão SUS, aos tratamentos hormonais e as cirurgias necessárias para a adequação de gênero. O portal divide o processo em algumas etapas. A primeira, sendo a atenção básica, da RAS – Rede de Atenção à Saúde, que é a forma de acesso ao serviço e responsável pela atenção aos clientes. A segunda, a atenção especializada que se caracteriza por ser responsável pelo atendimento ambulatorial, que inclui os tratamentos hormonais, acompanhamento clínico, além de acompanhamento pré e pós-operatório. Por fim, há a etapa hospitalar, responsável pelo pré e pós-operatório e das cirurgias. Segundo o Portal SUS:

Instituído pelas Portarias nº 1.707 e nº 457 de agosto de 2008 e ampliado pela Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013, o Processo Transexualizador realizado pelo SUS garante o atendimento integral de saúde a pessoas trans, incluindo acolhimento e acesso com respeito aos serviços do SUS, desde o uso do nome social, passando pelo acesso a hormonioterapia, até a cirurgia de adequação do corpo biológico à identidade de gênero e social (PORTAL DA SAÚDE, 2017)

No portal também estão evidenciadas as questões de saúde destinadas ao público LGBT em geral, o chamado “Plano Operativo da Política Nacional de Saúde Integral LGBT”, que busca atender de forma igual a população composta por homossexuais, bissexuais e transgêneros, garantindo a esses indivíduos o acesso à Saúde. O plano, que foi publicado pela Resolução nº2, de 6 de dezembro de 2011, tem como eixos principais o acesso da população LGBT à atenção integral à saúde, às ações de promoção e vigilância para os LGBT, à educação permanente e educação popular em saúde com foco nesses indivíduos e ao monitoramento e avaliação das ações de saúde.

Ainda são elencadas no portal algumas ações utilizadas pelo sistema para oferecer um melhor atendimento à população LGBT e auxiliar no combate à discriminação e preconceitos enfrentados, são elas a alteração da ficha de notificação de violências interpessoais e autoprovocadas do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan).

Há igualmente a alteração no Sistema de Informação em Saúde para a

⁵ Disponível em <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/1174-sgep-raiz/lgbt/21885-processo-transexualizador>> acesso em 20/08/2017

Atenção Básica – SISAB, ambas para a inclusão do nome social nas fichas cadastrais, o desenvolvimento do Módulo de Educação à Distância (Ead) sobre a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, em parceria com a UERJ e UNASUS. Cabe ressaltar também o desenvolvimento da pesquisa “Análise do acesso e da qualidade da atenção integral à saúde da população LGBT no SUS”, em parceria com a UnB e a inclusão do nome social de travestis e transexuais no cartão do Sistema Único de Saúde (Cartão SUS), bem como a publicação da Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013, que redefine e amplia o Processo Transsexualizador no SUS e a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher.

3.4 Direitos transgênero

Bento (2014) disserta acerca das leis sobre Identidade de Gênero em alguns países e principalmente no Brasil. A autora chama atenção para o caso da Espanha, onde o transexual é capaz de exigir o direito ao nome social em seus documentos ainda que não tenham feito a cirurgia de redesignação de gênero mediante à apresentação de laudo emitido por especialista comprovando que a pessoa em questão possua o transtorno de identidade de gênero (TIG). Na Argentina isto pode ocorrer ainda sem a apresentação de laudo médico.

Segundo o site oficial do planalto, em 2016 a presidente Dilma Rousseff aprovou o Decreto nº 8727, de 28 de abril de 2016, o qual “dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional”. O decreto garante que os órgãos e as entidades da administração pública adotem o nome social da pessoa transgênero de acordo com seu requerimento. Em parágrafo único é colocado “É vedado o uso de expressões pejorativas e discriminatórias para referir-se a pessoas travestis ou transexuais”.

O decreto garante que os registros de sistema de órgãos e entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional contenham um campo para “nome social” em destaque acompanhado do nome civil para fins administrativos internos. Além disso, nos documentos oficiais deverão constar o nome social acompanhado do nome civil.

Nesse processo é também deferido que órgãos ou entidades de administração pública só poderão empregar o nome civil acompanhado do nome social quando estritamente necessário. Além de a pessoa transgênero poder requerer a qualquer momento a inclusão do nome social nesses registros.

Art. 6º A pessoa travesti ou transexual poderá requerer, a qualquer tempo, a inclusão de seu nome social em documentos oficiais e nos registros dos sistemas de informação, de cadastros, de programas, de serviços, de fichas, de formulários, de prontuários e congêneres dos órgãos e das entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. (DECRETO Nº 8.727, DE 28 DE ABRIL DE 2016)

De acordo com informações presentes no site da Receita Federal⁶, o órgão autorizou o uso do nome social no CPF – Cadastro de Pessoa Física, a Instrução Normativa foi publicada no Diário Oficial da União no dia 20 de julho, referente ao decreto de 2016 que autoriza o nome social em documentos sociais da administração pública. Segundo o site, os indivíduos que desejam fazer a alteração do nome social devem se encaminhar a uma unidade de atendimento da Receita Federal e solicitar a inclusão no documento. A inclusão do nome social acompanhando o nome civil deve ser feita prontamente.

⁶ Disponível em: <<http://idg.receita.fazenda.gov.br/noticias/ascom/2017/julho/receita-federal-disponibiliza-servico-de-inclusao-e-exclusao-de-nome-social-no-cpf>> acesso em 25/08/2017

4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ANÁLISE CRÍTICA

Este capítulo aborda o conceito de representações sociais, buscando evidenciar ao leitor no que se baseia a teoria, de maneira simples, e como estão ligadas ao universo transgênero, possibilitando maior compreensão acerca do tema. Em um primeiro momento será apresentada a teoria desenvolvida por Moscovici, tendo como base os pensamentos de Durkheim. Em seguida, será feita uma breve descrição da série de reportagens que configura o objeto de estudo desse trabalho, bem como sua análise no que diz respeito aos conceitos de reportagem evidenciados no capítulo 3 deste estudo. Ao final do capítulo, pretende-se analisar os fragmentos da série que se norteiam pela história do clássico da literatura Alice no País das Maravilhas e o paralelo traçado pelo programa entre a fábula e a vida dos transexuais. Utiliza-se como base a Teoria das Representações Sociais, buscando esclarecer o motivo do uso da história e qual sua relevância dentro do contexto geral do programa analisado

4.1 Conceito de Representações sociais

Segundo Franco (2004), as representações sociais podem ser caracterizadas como elementos simbólicos usados através da comunicação, seja falada ou gestual. De acordo com a autora, na linguagem oral ou escrita, a sociedade se utiliza da mesma para expor suas opiniões, o que acredita, sua percepção e expectativa sobre determinados assuntos,

No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo... e assim por diante. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem. (FRANCO, 2004, p. 170)

Arruda (2002) aborda a teoria de Moscovici, que discute fenômenos considerados subjetivos e de assimilação indireta que abordam os atores sociais e que trazem à ciência a necessidade de uma nova caracterização, através da necessidade de repensar as categorias em que se divide. Segundo a autora, a teoria busca dar voz ao pensamento social, evidenciando as diversas formas de

pensamento humano, como as formas de se comunicar, sendo guiadas por objetivos distintos.

Arruda comenta a existência de duas formas de se pensar predominantes da sociedade, a consensual e a científica, e diferencia ambas partindo do pressuposto de que a consensual se caracteriza como a conversação informal, presente no cotidiano. Já a científica seria a forma de comunicação interna, preponderante no espaço científico. E cita que as representações sociais se solidificam no espaço denominado consensual.

Crusoé (2004) afirma que as representações sociais se referem à forma com que um tema é representado, a fim de ser compreendido de forma coletiva, e que se tem por pensamento social o conjunto de crenças individuais,

O primeiro teórico a falar em representações sociais como “representação coletiva” foi Émile Durkheim, designando a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual. Segundo este autor, o pensamento individual seria um fenômeno puramente psíquico, mas que não se reduziria à atividade cerebral, e o pensamento social não se resumiria à soma dos pensamentos individuais (MOSCOVICI, 1978, *apud* CRUSOÉ, 2004).

Matão *et al.* (2010) comentam que as Representações Sociais acerca de determinados grupos levam tempo para serem alteradas. Não se trata, então, de um processo repentino. A sociedade deve se acostumar com as mudanças e internalizar as mesmas para que haja o processo de alteração de uma Representação Social. Dessa maneira, a forma com que a transexualidade é vista é fruto da concepção de pensamentos dos indivíduos de uma sociedade, e que na atualidade ainda está muito ligada a uma visão discriminatória e preconceituosa.

O comportamento deslocado do considerado padrão quase sempre é alvo para processos discriminatórios, o que influencia na questão dos transexuais uma vez que, pelos motivos já enunciados, tem seus direitos humanos violados. O autor ainda denuncia que tais preconceitos contra os transgêneros acabam por influenciar não só a forma de serem tratados pela sociedade como um todo, como também pelo sistema de saúde, que acaba por muitas vezes negligenciando tais pacientes, uma vez que o sistema é composto por indivíduos que muitas vezes trazem consigo uma série de preconceitos que acabam interferindo em seus ambientes de trabalho (MATÃO *et al.*, 2010).

Assim, confirma-se que não basta a formação técnico-científica para se adotar uma postura respeitosa frente às pessoas, de modo a garantir-lhes atendimento adequado também sob o ponto de vista ético e humanista. Para melhor posicionamento diante da complexidade a respeito da transexualidade, é necessário à compreensão do conceito ampliado de saúde, que envolve o fator físico, emocional, cognitivo, comportamental, social, econômico, sexual e reprodutivo. A observância dos vários aspectos que compõem o sujeito significa compreender o homem como ser biopsicossocial, cultural e histórico em relação dialética com o mundo e construção mútua entre esses. (MATÃO et al, 2010, P. 115)

Fragoso e Casal (2012) comentam a obra de Durkheim (1995) que cita que as representações sociais são a forma com que a realidade se apresenta de maneira a proporcionar melhor compreensão dos fenômenos que ocorrem dentro de uma sociedade.

A elaboração de representações sociais decorre, por um lado, dos fenômenos que ocorrem na sociedade, e, por outro lado, inclui na análise as forças do processo de interação social, para definir uma dada situação na sua respectiva identidade coletiva. (FRAGOSO; CASAL, 2012, p. 529)

De acordo com a Revista Educação e Cultura Contemporânea da Universidade Estácio de Sá (2008), tem-se por representações sociais o conhecimento construído coletivamente, onde crenças, experiências e informações formadas por um grupo de indivíduos formam a opinião geral que se terá sobre o objeto de representação,

A representação social é um modo de conhecimento cuja maior particularidade refere-se ao fato de ser um conhecimento construído coletivamente. Este modo de conhecimento corresponde a um conjunto de informações, opiniões e crenças com relação a um determinado objeto e se organiza a partir de experiências individuais e trocas interindividuais em um contexto de tradições partilhadas. Esses elementos configuram a base de conhecimento acerca de um objeto de representação. (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ, 2008, p. 39)

No que se refere à construção das representações sociais, há um processo em que as representações são formadas, sendo eles a objetivação e a ancoragem, como esclarece a revista,

A ancoragem e a objetivação são identificadas como processos formadores de representações sociais, sendo que a ancoragem se dedica a estabelecer uma correspondência entre ideias estranhas, categorias e ideias habituais, remetendo as primeiras a um contexto familiar. Já a objetivação atua no sentido de tornar algo abstrato em algo mais concreto. Para isso busca associar aquilo que está no plano mental com algo que existe no mundo físico. A objetivação revela o processo através do qual se dão as transformações das informações acerca de um determinado objeto, em um instrumento de compreensão e de ação extremamente eficiente, a imagem. (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ, 2008, p. 41)

De acordo com Arieira (2013), as representações sociais são as formas com que os indivíduos se utilizam da linguagem, sendo ela verbal ou não-verbal para demonstrar suas crenças e pensamentos. O que, segundo a autora, “emitem a posição fiel e de maneira concreta do indivíduo tal como ele é, ou se demonstra, em determinado momento de sua vida” (ARIEIRA, 2013, p.17).

Arieira (2013) comenta ainda acerca do processo dito anteriormente, de ancoragem e objetivação, em que as Representações Sociais são formadas,

A objetivação acontece quando o indivíduo consegue compreender um conceito, em especial falamos do científico, e transformá-lo de uma maneira mais simples, concreta e clara em algo palpável. Uma idéia que seja facilmente consultada mentalmente sem grandes dificuldades e possa até ser repassada de forma razoavelmente competente. Trata-se de traduzir às teorias científicas para que sejam facilmente compreendidas no senso comum. De certo não se pode negar e já afirmava Moscovici, a concretização do saber será diferente de indivíduo para indivíduo. Cada qual se apropriará de referências sociais para decodificar os conceitos, cada qual se valerá de suas próprias e anteriores já adquiridas representações para se valer do entendimento. Em se tratando da ancoragem a questão perpassa o entendimento, vai além. [...] Quando o indivíduo está de acordo com o significado dado a teoria vai utilizá-la de acordo com seus princípios e suas identidades. Mas caso não haja convencimento desta teoria o indivíduo a negará. (ARIEIRA, 2013, P. 18)

Sendo assim, adiante buscar-se-á elucidar a maneira que o conto clássico “Alice no País das Maravilhas” foi utilizado, como comparativo com as jornadas percorridas pelos transgêneros apresentados no decorrer do programa, tendo como base as Representações Sociais e seus conceitos.

4.2 “Quem Sou Eu?” análise da reportagem

A série de reportagens “Quem Sou Eu?”, do *Fantástico – O Show Da Vida*, foi apresentada pela Rede Globo no período de 12 de março de 2017 a 02 de abril de 2016. Dividida em quatro episódios, a série aborda a história de indivíduos transexuais, buscando apresentar os pontos de vista dessas pessoas, de familiares, médicos e outros profissionais sobre a condição de transgênero à qual são pertencentes, bem como explicar como é a vida de um “trans”: o processo de transição (desde o tratamento hormonal às cirurgias existentes para a adequação do indivíduo transexual, passando também pelos tratamentos psicológicos), e as questões biológicas acerca do tema. Também são evidenciadas as diferenças entre

orientação sexual e diversidade de gênero, além de serem apresentados dados sobre a violência sofrida por essas pessoas no nosso país.

Com apresentação da jornalista Renata Ceribelli, a série apresenta diferenciações com a de identidade de orientação sexual e a identidade de gênero, assim como evidencia a forma como os transexuais pensam e como se posicionam na sociedade, fazendo uso, para tanto, de entrevistas e de um paralelo que é traçado com a história de Alice no país das maravilhas. Na verdade, a série utiliza-se de elementos constitutivos da história para construir analogias com as questões transexuais apresentadas na série.

O primeiro capítulo da série começa explicando o que são os transgêneros. Em seguida, mostra trechos com comentários de transexuais e apresenta o paralelo com a história de Alice no País das Maravilhas, que, na série, toma o personagem principal como um elemento para explicar os transexuais. A personagem Alice passa, dessa maneira, a representar os indivíduos transexuais e sua história é contada analogamente às histórias dos indivíduos transexuais que são abordados na série.

O episódio conta a história de Melissa, uma garota transexual de onze anos que nasceu pertencendo ao gênero masculino e era chamada de Miguel. Mostra trechos de entrevistas da garota e dos pais, falando sobre como ela e eles se sentiam com relação à transexualidade. Também é apresentado o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, o primeiro centro público de atendimento para crianças transgêneros do Brasil.

A partir da apresentação do instituto, mostram-se entrevistas de pais de outras crianças comentando sobre seus filhos. Em seguida, são exibidos pedaços de uma entrevista com um psiquiatra da instituição que explica biologicamente como uma pessoa nasce transexual, conceitua a homossexualidade e a transexualidade, bem como elenca as dificuldades e preconceitos sofridos por esses indivíduos.

Em suma, o primeiro capítulo da série traz como opção o início das reportagens com uma criança, respeitando uma ordem cronológica que se iniciará a partir dali, como pode ser observado em Guirado (2004) no capítulo 2. Por tratar-se de reportagens, a jornalista Renata Ceribelli apresenta as personagens abordadas,

como Melissa e seus pais através de entrevistas, além de uma narrativa sobre sua história de vida, que busca estreitar uma relação de empatia com o público, por meio do conhecimento da personagem em questão, conforme apresentado por Degl'iesposti (2009), ao dizer que a reportagem deve se utilizar de relato humanizado, no capítulo 2. A entrevista com o especialista que ocorre no decorrer do programa, com a finalidade de conceder uma explicação biológica sobre o conceito de transgênero também se caracteriza como um aspecto relevante do gênero jornalístico em questão, a reportagem.

O segundo episódio se inicia com a história de Bernardo, um estudante de quinze anos que nasceu pertencendo ao gênero feminino. Ele aborda o início de seu tratamento hormonal para a transição de gênero. Há entrevistas com Bernardo e sua mãe que contam algumas histórias do adolescente com relação ao preconceito, como o *bullying* que enfrentou na escola.

Posteriormente, é abordada a história de Andrea, de vinte e dois anos, monitora de telemarketing que descobriu aos dezesseis anos o que era transexualidade e que ela é uma mulher transexual, relatando o medo que teve do preconceito que poderia sofrer ao se assumir e optar pelo tratamento hormonal. Nesse episódio, é dito que desde 2008 o SUS - Sistema Único de Saúde - oferece o tratamento hormonal para a transição de gênero, mas que este deve ser feito por indivíduos acima dos 18 anos e deve ter acompanhamento psicológico. O episódio termina revelando Bernardo como bissexual o que serviu para exemplificar a diferença entre orientação sexual e de gênero.

O segundo capítulo da série, como descrito, dá sequência à cronologia iniciada no programa de estreia, agora abordando a experiência de um transgênero adolescente e uma jovem adulta, que estão iniciando seus processos de transição de gênero, como é dito sobre a questão sequencial abordada por Guirado (2004) no capítulo 2. Vemos mais uma vez a busca por captar a empatia dos espectadores, sendo essa feita durante as entrevistas e narrações sobre a vida dos personagens, que trazem novamente um relato humanizado, como nota-se em especial quando Bernardo conta os episódios de *bullying* pelos quais passou, ou quando Andrea fala sobre sua relação com o pai já falecido, conforme a teoria de Degl'iesposti (2009) evidenciada no capítulo 2.

Outra característica típica do gênero reportagem que se mostra presente mais uma vez na série são as entrevistas não só com os personagens abordados como também com especialistas, seja ele o psiquiatra do hospital das clínicas ou os profissionais presentes no encontro com Andrea, a fim de sanar suas dúvidas, bem como dos telespectadores, conforme evidenciado por Diamante (2010) no capítulo 2.

No terceiro episódio é apresentado o caso de Thais, de 21 anos, que conta que começou a tomar os hormônios por conta própria e que, quando sua família percebeu suas mudanças físicas foi expulsa de casa, o que fez com que ela, sozinha e sem apoio, entrasse para a prostituição aos dezesseis anos. Thais apresenta a questão do preconceito e dos perigos a que está sujeita trabalhando na rua como prostituta. São expostas algumas estatísticas sobre a vida dos transexuais no Brasil que mostram que a expectativa de vida desses indivíduos é de 35 anos, e que nenhum outro lugar no mundo há tanta violência contra essas pessoas.

É abordada também a dificuldade dos transexuais no mercado de trabalho. Após Thais, é apresentado o caso de Luíza, uma estudante que sonha ser engenheira e que está em tratamento para a mudança de gênero, mas que antes de começar o tratamento percebeu que não poderia mais ter filhos biológicos. Para tanto, combinou com uma amiga que engravidassem para realizar seu sonho antes da transição. Luíza fará duas cirurgias em hospitais particulares, uma para a retirada do pomo de adão e outra para redesignação sexual. No final do episódio, são apresentados os procedimentos cirúrgicos pelos quais os transexuais podem passar.

Nesse capítulo vemos mais uma vez as características do gênero jornalístico de reportagem, que estão sendo abordados durante todo o programa, como o relato humanizado, Degl'iesposti (2009), as entrevistas com os personagens, Diamante (2010) e a narrativa da história, Guirado (2004), feita pela jornalista Renata Ceribelli. Dessa vez também são apontados dados sobre a violência contra transgêneros e dos tratamentos oferecidos pelo Sistema Único de Saúde para a transição de gênero, esses dados também característicos de gêneros jornalísticos, que devem apresentar informações ao público, conforme aborda Lage (2006), ao falar sobre a utilização de fatos reais no capítulo 2.

A ordem cronológica também é continuada, dessa vez através da história de jovens adultas transexuais, uma delas já mãe. Outro aspecto presente no episódio, presente que caracteriza o objeto de estudo como pertencente ao gênero reportagem é o fato de a jornalista se colocar com empatia aos entrevistados, e ao narrar os fatos, não os analisando de forma fria, conforme abordado por Kotscho (2007), que aborda a importância do jornalista demonstrar suas emoções, no capítulo 2.

O quarto e último capítulo da série aborda as relações amorosas de pessoas transexuais. No início apresenta-se o caso de Alessandra, uma cabeleireira que passou pela cirurgia de redesignação sexual há três anos, mas diz que ainda sofre preconceito. Ela comenta que ainda não teve relações sexuais pelo medo que tem de não ser aceita como uma mulher trans. Porém Alessandra evidencia contentamento com o fato de atualmente já se reconhecer fisicamente como uma mulher. A cabeleireira que iniciou seu processo de transição de gênero comenta “Eu tenho medo de me entregar a uma pessoa e ela me decepcionar”.

Já Leonardo, estudante de psicologia, começou o tratamento tardiamente, aos 35 anos, e hoje namora uma mulher cisgênero e heterossexual, Carla, sua professora da academia, com quem pretende formar uma família. O último caso apresentado é o de Anderson e Helena, um casal formado por uma mulher e um homem transexuais que tiveram um filho juntos. Eles comentam o estranhamento das pessoas ao verem o pai biológico gerando e amamentando a criança. É citado que o casal se separou após o término da reportagem e que, segundo a lei, o processo de guarda do filho seguirá como de qualquer outro casal cisgênero.

Assim como nos demais episódios, a finalização do programa apresenta relato humanizado das histórias contadas, conforme a teoria de Degl'iesposti (2009) evidenciada no capítulo 2, bem como entrevistas de cunho particular que buscam transmitir empatia entre pessoas transgêneros com o público que assiste o programa. O capítulo tem como pauta os relacionamentos dos transgêneros, a busca pelo amor e aceitação e termina com um casal no qual ambos são indivíduos transexuais que conseguiram gerar um filho juntos, o que encerra a ordem cronológica iniciada no primeiro episódio da série, conforme a teoria de Guirado (2004), citada no capítulo 2.

A série “Quem Sou Eu?” apresenta então diversas características típicas do gênero reportagem, conforme se evidenciou no segundo capítulo desse trabalho, dentre elas estão o fato das histórias de cada personagem serem transmitidas da forma mais detalhada possível, conforme abordado por Kostcho (2007). Além da jornalista Renata Ceribelli, apresentadora da série, mostrar ter conhecimento do assunto e dos personagens entrevistados por ela. A série apresenta ordem cronológica, o que condiz com o gênero em questão, uma vez que esse deve possuir maior duração, contando uma história desde seu início até o final, diferente de outros gêneros jornalísticos que tem como base o sistema da pirâmide invertida, segundo o que diz Ferreira (2010).

A série de reportagens também é caracterizada pela falta de preconceitos da jornalista encarregada de sua apresentação que, conforme se colocou perceptível durante os episódios se preocupou em falar de maneira generosa e objetiva com os personagens entrevistados, demonstrando interesse em suas histórias, conforme abordado por Kotscho (2007). Por se tratar de uma matéria que não tem como base o caráter imediatista, e que pode ser considerada atemporal, a série se constitui como pertencente ao estilo *feature*, conforme apresentado no primeiro capítulo, de acordo com a classificação de Ferreira (2010).

Outras questões que caracterizam a série “Quem Sou Eu?” como um quadro de reportagens, realizado nos moldes tradicionais do programa Fantástico – O Show da Vida é o fato de se configurar como um espetáculo, levando ao público informação ligada ao entretenimento, o que se apresenta como um diferencial do programa em questão a demais produtos jornalísticos, conforme abordado por Rocha e Aucar (2011). Outro aspecto é o de apresentar o conteúdo tratado de forma semelhante ao que acontece em documentários, mais uma característica forte do programa, como já evidenciado por Lage (1997, *apud* Ferreira, 2010) no segundo capítulo deste trabalho.

No site da série “Quem Sou Eu?” é possível encontrar ainda conteúdos extras, como a entrevista de Helena, uma estudante de medicina transgênero que conta como foi seu processo de auto-descoberta, as etapas de sua redesignação de gênero, pontuando as dificuldades que precisou e ainda precisa enfrentar na sua vida por ser uma mulher transgênero. Helena comenta também sobre o tratamento

hormonal pelo qual passa, bem como a vontade de fazer a cirurgia de mudança sexual.

Outro conteúdo extra presente no site é uma entrevista com a transgênero Bianca Magro, a primeira paciente da cirurgia de redesignação sexual atendida pelo Sistema Único de Saúde no Brasil, no ano de 1998, quando Bianca chegou a ser pauta no Fantástico. No conteúdo exclusivo são mostrados fragmentos da reportagem que foi feita pelo programa com ela na época, bem como uma entrevista atual feita pela jornalista Renata Ceribelli.

Outros conteúdos presentes no site são a integra do “Chá da Alice”, que foi montado com a transexual Andrea, abordada no terceiro capítulo do programa, e especialistas que tiraram algumas dúvidas da jovem. O *making of* de uma sessão de fotos feita com personagens que tiveram suas histórias contadas no decorrer das reportagens. Um vídeo mostrando como foi feita a animação de Alice em *stop motion* que foi usada para contar a história da protagonista do clássico, dentro do programa, de forma que sua jornada fosse comparada a dos indivíduos transgêneros. Além de um pequeno texto falando sobre o processo de redesignação sexual oferecido pelo SUS no país, e um glossário que elucida termos utilizados no decorrer das reportagens.

4.3 “Quem Sou Eu?”: análise das Representações Sociais

A série de reportagens especiais “Quem Sou Eu?” tem como finalidade levar informações sobre a condição de transexual para o grande público. Partindo dessa premissa, que se sustenta em apresentar um tema complexo e rodeado de tabus para um grupo de indivíduos muitas vezes com pouco ou nenhum conhecimento sobre o assunto. A série fez uso da temática abordada no clássico “Alice no País das Maravilhas” visando esclarecer prováveis dúvidas, bem como criar empatia entre espectadores e os indivíduos transgêneros, como presente no próprio site do programa,

Para ajudar a esclarecer o assunto, a série traça um paralelo com a história de “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll. Mas a Alice de Quem Sou Eu? parte em uma jornada de autoconhecimento e representa todas as pessoas que sentem que nasceram no corpo errado e estão em busca de sua identidade. (PORTAL G1, 2017)

Figura 1: Logo do programa: Alice caindo no País das Maravilhas



Fonte: Portal G1⁷

O primeiro capítulo da série se inicia com imagens de pessoas transgêneros se olhando no espelho e falando frases sobre a dificuldade que tinham de se aceitar antes da transição, bem como com a narração da jornalista Renata Ceribelli, que elucida a rejeição transexual a partir da frase “olhe no espelho, olhe e imagine que o que você vê não é o que você é”.

Aos 2 minutos e meio do primeiro episódio Ceribelli inicia a reflexão acerca de Alice, citando que a obra que já foi recontada várias vezes, e apresentando que a série buscará contar a história de outra maneira, partindo do olhar da própria protagonista, que nesse contexto representa os transgêneros em busca de sua identidade. A primeira analogia que é feita trata-se do tempo, onde na história Alice tenta alcançar o coelho branco com o relógio, bem como acontece com os transgêneros, que tem pressa de poder expressar quem são, o que remete ao nome da série.

⁷ Imagem retirada do portal G1 <<http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu>> acesso em 20/10/2017, todas as imagens foram retiradas do link citado.

Figura 2: Alice vai atrás do coelho branco que simboliza o tempo



Fonte: Portal G1

A conexão do universo de Alice com a vida dos indivíduos transgêneros é retomada aos 9 minutos e 10 segundos do programa, dessa vez ao falar sobre a decisão da readequação sexual, o que é comparado à história da protagonista ao se ver diante de inúmeras portas, tendo que passar pela menor delas. “As portas significam os vários caminhos que uma pessoa pode seguir”, cita a apresentadora.

Figura 3: Alice cercada de portas



Fonte: Portal G1

Aos 10 minutos e 50 segundos é criado um paralelo entre a criança transgênero abordada no programa e Alice por ambas terem a sensação de estarem em um corpo que não se identificam, Alice por estar em um corpo que não reconhece por estar em um tamanho diferente do seu real, e os transgêneros por não se identificarem com o seu sexo biológico.

Figura 4: Alice em um mar de lágrimas



Fonte: Portal G1

O segundo episódio inicia a comparação dos transgêneros com Alice ao 1 minuto e meio, quando é dito que Alice sente o mesmo que os trans buscando entender quem são. Aos 4 minutos e 10 segundos o paralelo é retomado, e dessa vez busca-se ilustrar através da relação de Alice com as flores do País das Maravilhas, que chamam a protagonista de “mato” de forma preconceituosa ao perceberem que ela não é uma flor como elas, devendo ser expulsa de seu jardim, o que remete à história do transexual adolescente Bernardo ao relembrar situações de bullying que sofreu durante a vida.

Figura 5: Flores perseguem Alice por ser diferente



Fonte: Portal G1

Aos 7 minutos e 20 segundos do segundo episódio é traçado um paralelo apenas de efeito visual, quando ao abordar a automedicação realizada por muitos transexuais. O desenho da protagonista é mostrado correndo atrás do coelho branco até entrar em uma casa onde se depara com um prato com algo que remete a quem está assistindo o programa à questão abordada.

Figura 6: Paralelo de Alice com os perigos da automedicação



Fonte: Portal G1

A história de Alice volta a ser citada aos 10 minutos de vídeo do segundo capítulo da série, ao dizer que Alice, bem como os transgêneros, tem dúvidas quanto ao caminho que segue e que ao encontrar o Chapeleiro Maluco o faz inúmeras perguntas. O programa então montou um chá com uma transexual em processo de transição e especialistas na área, para que ela tenha a mesma liberdade que Alice em perguntar sobre seu caminho.

Figura 7: Alice no chá com o Chapeleiro Maluco



Fonte: Portal G1

O terceiro capítulo da série de reportagens “Quem Sou Eu?” tem seu primeiro paralelo com a história de Alice aos 2 minutos e 45 segundos dessa vez pela expulsão da protagonista do jardim das flores por ser diferente das outras flores, bem como é relatado por uma transexual que diz que muitas pessoas se afastaram dela apenas pela sua condição de gênero.

Figura 8: Flores Expulsam Alice



Fonte: Portal G1

A representação é retomada aos 3 minutos e 27 segundos, quando são citados os perigos que um transgênero está sujeito, bem como ocorre com Alice quando se depara com a Rainha de Copas no País das Maravilhas, que diz que todas as rosas de seu reino devem ser vermelhas e, além de mandar pintar as rosas brancas, ordena que cortem a cabeça de Alice ao perceber que ela não é como as outras rosas, representando o alto índice de violência contra transgêneros no Brasil.

Figura 9: Rosas sendo pintadas de vermelho



Fonte: Portal G1

Alice é citada pela última vez no terceiro episódio aos 8 minutos e 52 segundos, quando é dito que assim como acontece com os indivíduos transgêneros no Brasil, que são muito julgados pela sociedade, a Rainha de Copas será responsável por julgar Alice já que essa não se encaixa nos padrões que ela quer para seu reino, mas que a protagonista nessa parte da história já tem uma noção mais clara de quem ela é e quer ser, assim como acontece quando os trans se sentem mais seguros com aceitação da família e amigos.

Figura 10: O julgamento de Alice



No quarto episódio da série o paralelo se inicia ao 1 minuto e meio, onde é dito que assim como a trans abordada no momento do programa, Alice muitas vezes encontra dificuldades como não saber onde está e sofrer preconceito diante de pessoas intolerantes, como a Rainha de Copas. Volta-se a falar de protagonista do clássico aos 3 minutos e 40 do capítulo, quando Alice percebe que tudo aquilo que viveu durante sua jornada era apenas um sonho, como procuram comparar com o momento quando após o indivíduo transgênero passa por todo o processo de transição para enfim se encontrar com quem é realmente.

Figura 11: Alice acorda



Fonte: Portal G1

A personagem aparece pela última vez ao final do último episódio, ao aparecer sua foto pendurada em um pequeno galho, após ser comentada uma metáfora iniciada no primeiro episódio da série, onde haveria uma árvore representando a diversidade de gênero através de retratos de vários transgêneros.

Figura 12: A foto no galho



Fonte: Portal G1

Segundo Moscovici, (1981), as representações são formadas sobre uma nova teoria científica, no caso deste estudo a transgeneridade, onde o jornalista teve de

buscar algo que já existia em seu contexto histórico (Alice) que pudesse sintetizar o novo, tornando-o compreensível para si, de forma que pudesse expressá-lo para outras pessoas.

A Teoria das Representações Sociais corresponde a um esforço de tornar algo não-familiar (transgeneridade) em algo comum (Alice), presente no cotidiano das pessoas. (MOSCOVICI, 1981)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstrado no decorrer desse estudo, a série “Quem Sou Eu?” exibida pelo programa Fantástico constitui-se como reportagem, visto todos os conceitos acerca do gênero jornalístico observados no corpo desta monografia que estão presentes e são notados no quadro do programa.

Foi esclarecido no decorrer deste que a série classificada como objeto de estudo pode ser considerada reportagem visto que apresenta diversas características representativas do gênero jornalístico em questão, dentre elas a sequência narrativa de início, meio e fim, a não utilização da pirâmide invertida, a busca por esclarecer o assunto de forma não preconceituosa, a presença de entrevistas, a preocupação em se explorar as histórias dos indivíduos retratados de forma mais fiel possível, entre outros aspectos citados na análise.

Mediante o estudo realizado, pode-se afirmar que o programa utilizou de uma estereotipia com a finalidade de trazer o assunto para o debate, uma vez que foram abordados casos isolados de transgêneros, sendo uma criança, um adolescente, e alguns casos de jovens adultos, ou seja, utilizaram-se de elementos menores com a finalidade de conceber um elemento maior, sendo esse último a forma com que a série tentou representar todos os transgêneros.

Pode-se dizer também que o uso do clássico “Alice no País das Maravilhas” para explicar os conflitos vividos pelos transgêneros, serviu como meio de Representação Social, visto os conceitos abordados no decorrer do trabalho e a análise realizada. O uso da fábula também serviu como ferramenta pedagógica no programa, uma vez que sua utilização tem a finalidade de explicar o tema ainda pouco discutido e abordado ao grande público.

O presente estudo também pode dar início a uma discussão que poderá ser ampliada posteriormente em demais trabalhos, sendo ela o uso da Teoria das Representações Sociais como instrumento didático nas mídias brasileiras.

6 REFERÊNCIAS

ARÁN, Márcia; Zaidhaft, Sérgio; Murta, Daniela. **Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva**. Rio de Janeiro: Psicologia & Sociedade, v. 20, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3093/309326454008/>> Acesso em 21/09/17

ARGENTIERI, Simona. **Travestismo, transexualismo, transgêneros: identificação e imitação**. São Paulo: Jornal de Psicanálise, v. 42, n. 77, p. 167-185, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352009000200012> Acesso em 20/08/17

ARIEIRA, Angélica Aparecida Silva. **Representações Sociais De Educação Ambiental Para Estudantes: Jornalismo Como Estratégia Pedagógica**. Volta Redonda: Centro Universitário De Volta Redonda, 2013. Disponível em: <http://web.unifoa.edu.br/portal_ensino/mestrado/mecasma/arquivos/2013/7.pdf> Acesso em 15/09/2017

ARRUDA, Ângela. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero**. Rio de Janeiro: Cadernos de pesquisa, v. 117, n. 127, p. 127-147, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a08n121>> Acesso em: 19/10/17

BENTO, Berenice. **Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal**. Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, v. 4, n. 1, p. 165, 2014. Disponível em <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/197/101>> Acesso em 10/10/17

BOBERG, Alloyse Rodrigues. **Globo Repórter: uma investigação sobre o estilo textual da reportagem televisiva**. Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em: <<http://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/17194/DISSERTA%C7%C3O%20ALLOYSE%20VERS%C3O%20FINAL%20PARA%20UFPR.pdf?sequence=1>> Acesso em: 05/06/17

BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César. **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005, 376 p.

CARMO-ROLDÃO, Ivete Cardoso do; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigue; OLIVEIRA, Ana Paula Silva. **O espaço do documentário e da vídeoreportagem na televisão brasileira: uma contribuição ao debate**. Revista Contracampo, v. 2, n. 17, p. 107-126, 2007. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/354>> Acesso em: 04/06/ 2017

CARRIERI, Alexandre de Pádua; MOULIN DE SOUZA, Eloisio; CAMILLO AGUIAR, Ana Rosa. **Trabalho, Violência e Sexualidade: Estudo de Lésbicas, Travestie Transexuais**. Rio de Janeiro: RAC-Revista de Administração Contemporânea, v. 18, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/840/84029528006/>> acesso em 20/09/17

CARVALHO, Fábio et al. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Editora Contexto, 2014. 177 p.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder et al. **Percepção de usuários gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, transexuais e travestis do Sistema Único de Saúde**. Porto Alegre: InteramericanJournalofPsychology, v. 44, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/284/28420641004/>> Acesso em 20/09/17

CRUSOÉ, Nilda Margarida de Castro. **A teoria das representações sociais em moscovici e sua importancia para a pesquisa em educação**. Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação, n. 2, p. 105-114, 2004. Disponível em :<<http://www.uesb.br/editora/publicacoes/aprender/edicoes/Aprender%20n.%202.pdf#page=105>> Acesso em: 05/10/17

DEGL'IESPOSTI, Júlio César. **A grande-reportagem na televisão brasileira**. São Paulo: Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, 2009.

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São

Paulo: Summus, 1990.

DIVERSIDADE SEXUAL E A CIDADANIA LGBT. São Paulo, 2014. Disponível: http://www.recursohumano.sp.gov.br/lgbt/cartilha_diversidade.pdf Acessado em: 05/04/17.

EMERIM, Cárilda. O texto na reportagem de televisão. In: **En Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/35897673/O_texto_na_reportagem_de_televisao.pdf> Acesso em 20/05/17

FERREIRA, Brunella Menezes. **Viagem pela grande reportagem televisiva: o desafio do jornalismo investigativo da Rede Globo no Brasil (1997-2007)**. Universidade Fernando Pessoa, 2010. Disponível em: <<http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1650>> Acesso em: 03/06/17

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia. **Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração**. São Paulo: Editora Saraiva, 2000. 163 p.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência**. São Paulo: Cadernos de pesquisa, v. 34, n. 121, p. 169-186, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a08n121>> Acesso em 20/10/17

FRAGOSO, F. M. R. A.; CASAL, João. **Representações sociais dos educadores de infância e a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais**. Marília: Revista Brasileira de Educação Especial, 2012. Disponível em: <<http://www.academia.edu/download/37915156/a11.pdf>> Acesso em: 10/10/17

GOMES, Luana Santana. **Fantástico – o show da vida: gênero e modo de endereçamento em programas televisivos**. Universidade Federal da Bahia, 2006. Disponível em: <http://telejornalismo.org/wp-content/uploads/2010/05/TCC_Luana-Gomes-2006.pdf> Acesso em: 04/06/17

GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. 135p.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1995. 80 p.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística. 5ª edição**. São Paulo: Ática, 1997. 78 p.

LIONÇO, Tatiana. **Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios**. Rio de Janeiro: Physis-Revista de Saúde Coletiva, v. 19, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4008/400838222004/>> Acesso em: 02/06/17

MATÃO, Maria Eliane Liégioet *al.* **Representações sociais da transexualidade: perspectiva dos acadêmicos de Enfermagem e Medicina**. Bahia: Revista Baiana, p. 103, 2010. Disponível em :<<http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2010/v34n1/a1423.pdf>> Acesso em: 05/10/17

MOSCOVICI, Serge. **Sobre Representações Sociais**. ÉcoledesHautesEtudes em Sciences Sociales, Paris, Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição. **1981**. On social representation. In: Forgas, J.P. (ed.) Social Cognition (pp. 181-209). London: European Association of Experimental Social Psychology/Academic Press. Tradução: Clélia Maria Nascimento-Schulze; Labortatório de Psicossociologia da Comunicação e da Cognição Social; Departamento de Psicologia –UFSC 1985.

PAGLIARI, Danieli; PIBER, LizeteDieguez. **Violência de gênero: Com a palavra dos transexuais**. São Leopoldo: Anais do Congresso Estadual de Teologia. 2016. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/teologians/article/view/539>> Acesso em 18/10/17

PORTAL SUS, 2016. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/1174-sgep-raiz/lgbt/21885-processo-transexualizador>> Acesso em: 20/08/2017

PORTAL G1, 2017. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu>> Acesso em: 20/10/2017

PLANALTO, 2016 Disponível em: < <http://www2.planalto.gov.br/> > Acesso em: 30/09/2017

PORTAL R7. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/brasil-lidera-assassinatos-de-pessoas-trans-no-mundo-30012017>> Acesso em: 20/08/2017

RECEITA FEDERAL, 2016. Disponível em: <<http://idg.receita.fazenda.gov.br/noticias/ascom/2017/julho/receita-federal-disponibiliza-servico-de-inclusao-e-exclusao-de-nome-social-no-cpf>> Acesso em: 28/09/2017

ROCHA, Everardo; AUCAR, Bruna. **Fantástico, o show da vida: televisão, convergência e consumo**. Revista Alceu. Rio de Janeiro. PUC-Rio. n 22. jan/jun, 2011. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Artigo3%20Everardo%20Rocha%20e%20Bruna%20Aucar%20-%20pp%2043-60.pdf>> Acesso em: 02/06/17

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.